

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
ESPECIALIZAÇÃO – RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS:
POLÍTICA DE IGUALDADE RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

MARCELO RODRIGUES PADULA

SACRIFÍCIO RELIGIOSO: PERSPECTIVAS PARA A TOLERÂNCIA

JUIZ DE FORA

2016

MARCELO RODRIGUES PADULA

SACRIFÍCIO RELIGIOSO: PERSPECTIVAS PARA A TOLERÂNCIA

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Pós-graduação
em Religiões e Religiosidades Afro-
Brasileira: Política de Igualdade Racial em
Ambiente Escolar da Universidade Federal
de Juiz de Fora, sob orientação do professor
Robert Daibert Júnior.**

JUIZ DE FORA

2016

Marcelo Rodrigues Padula

SACRIFÍCIO RELIGIOSO: PERSPECTIVAS PARA A TOLERÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista na área de Religiões e Religiosidades Afro-brasileiras: Política de Igualdade Racial em Ambiente Escolar.

Aprovada em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Dr. Robert Daibert Júnior – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Bárbara Simões Daibert
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O presente trabalho não tem a intenção de afirmar que a fé ou os rituais religiosos presentes em cada uma delas são melhores ou piores que outros, pretende mostrar que cada religião tem seus dogmas e sua cultura. Todas têm razão de acreditar e ter fé nos símbolos e nas ações praticadas pelos seus seguidores, não podemos de jeito algum afirmar que uma crença religiosa é a mais verdadeira ou a única que salva. Desta forma, entendemos que todas, sem exceção, praticam o bem e elevam a espiritualidade do ser humano. Com isso, possibilitam ser mais compreensivo com o próximo, estar sempre atento e respeitar as diferenças e saber que fazer o bem não pode ser um ato de cunho religioso, mas de humanidade. As religiões de matriz africana no Brasil são as que mais sofrem esse tipo de preconceito, essa intolerância ao que é diferente é bastante perigosa, pois, nos leva a pensar que somente um caminho é verdade, comparando no contexto mundial podemos identificar uma intolerância múltipla entre as religiões ou, melhor dizendo, entre os seguidores. O respeito é o melhor caminho para aceitar e entender a cultura religiosa entre as nações e seus costumes.

Palavras-chave: Fanatismo. Fé. Radicalismo. Respeito. Sacrifício Religioso. Tolerância.

ABSTRACT

The present work does not intend to affirm that the faith or religious rituals present in each one of them are better or worse than others, it intends to show that each religion has its dogmas and its culture. All have reason to believe and to have faith in the symbols and actions practiced by their followers, we can not in any way affirm that a religious belief is the truest or the only one that saves. In this way, we understand that all, without exception, practice good and elevate the spirituality of the human being. With this, they make it possible to be more understanding with the next one,. To be always attentive and to respect differences and to know that doing good can not be an act of a religious nature, but of humanity. The religions of African origin in Brazil are the ones that suffer the most from this type of prejudice, this intolerance to what is different is quite dangerous, because it leads us to think that only one way is true, comparing in the world context we can identify a multiple intolerance Between religions or, rather, among followers. Respect is the best way to accept and understand religious culture among nations and their customs.

Keywords: Fanaticism. Faith. Radicalism. Respect. Religious Sacrifice. Tolerance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. A FÉ INDIVIDUALIZADA E O SACRIFÍCIO.....	07
3. RADICALISMO E INTOLERÂNCIA.....	10
4. SACRIFÍCIO UM CONTRATO DIVINO.....	12
5. RELIGIÃO INTOLERÂNCIA E VIOLÊNCIA.....	14
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS.....	16

1. INTRODUÇÃO

Falar de sacrifício religioso não é fácil, pois, temos que entender a situação analisada pelo viés da cultura e só estando dentro do objeto estudado é que conseguiremos obter uma clareza e entender mais profundamente o que está realmente acontecendo. Esse texto tenta mostrar que todas as religiões possuem cada uma a sua cultura atos de sacrifício, podendo ser o autoflagelo, penitência de todas as formas: Jejum, caridade, doação de grandes quantias de dinheiro, percorrer distâncias enormes a pé para satisfazer a vontade de Deus.

O que pode ser perigoso é esse tipo de sacrifício, que é extremamente pessoal, passar a ser prejudicial as demais pessoas. O fanatismo pode nascer dessa prática e buscar outros níveis de sacrifício. A partir do fanatismo vem a intolerância, o ato de não reconhecer a crença do outro, mas acreditar que somente a sua é a verdadeira e a única que salva.

Não necessariamente nessa ordem, a intolerância religiosa causa um enorme problema, pois, sendo de maneira mais comunitária, por vezes não tomamos conhecimentos dos fatos. Somente quando há repercussão nas grandes mídias, esse ato que podemos classificar como o pior de todos abre e fecha essa dinâmica de desrespeito ao próximo.

No Brasil, no início da república ainda havia muito preconceito racial e religioso, porém, em dias de festas e procissões toda a população reunia-se para participar. Perez (2000, p.11) destaca que multidões de diferentes classes sociais, cor de pele, homens e mulheres eram iguais pelo menos naquele momento de fé.

Os negros também tinham suas organizações religiosas durante o período da colônia, império e mais tarde na república. Fica claro que havia certa tolerância religiosa no país, o que nos dias atuais está acabando, Perez (2000, p.12-13), “O governo brasileiro soube dar abertura para os cultos dos escravos, mas isso foi meramente intencional para aumentar o controle sobre as organizações”, como: as irmandades, os cordões e as procissões.

A Umbanda, por exemplo, é uma religião que podemos dizer que entre várias existentes no mundo possui mais abertura e diálogo, pois, o hibridismo que há nos mostra o respeito a todas as crenças que a compõe. O lema da Umbanda é quanto mais proteção melhor, então absorve a proteção de todas as religiões para seus adeptos ficarem ainda mais protegidos.

2. A FÉ INDIVIDUALIZADA E O SACRIFÍCIO

O sacrifício religioso é uma prática muito antiga, há registros de sacrifícios de adoração aos deuses desde a pré-história, segundo Rogério (2008, p.50): “O sacrifício enquanto prática religiosa esteve presente nas sociedades da pré-história ao mundo medieval”.

Para muitos pesquisadores a prática do sacrifício é um contrato entre aquele que faz ou oferece o sacrifício ao seu Deus. Para Motta (2000) o sacrifício estabelece um contrato entre o homem e a divindade, obrigando esta a retribuir. Segundo Mello (2008, p.10): “O sacrifício é uma forma de contrato, as partes envolvidas trocam seus serviços e cada uma tem a sua parte, pois, os deuses também têm necessidades dos humanos”. Segundo Mauss e Hubert (2005, p.34): “a prática do sacrifício religioso é para eles o meio de contrato com a esfera divina. Eles afirmam que o sacrifício confere certo direito ou domínio sobre o seu Deus”.

Não há religião sem qualquer noção de sacrifício, todas usam dele como um meio de estimular a fé do fiel. Para Girard (2011, p.21), a ideia de sacrifício é inerente e essencial a todas as religiões. Não há religião sem alguma noção de sacrifício.

A religião Judaica também reconhece o sacrifício como uma forma de redimir-se dos erros, um dos sacrifícios é o alimentar.

No Judaísmo atual, não se fazem sacrifícios de animais. É uma religião que nem tem templo. O único culto é da palavra na sinagoga e nas casas. Mas, tem regras alimentares. Para uma comida ser kosher, isso é próprio para a alimentação dos judeus, o animal deve ser sacrificado (o termo no mercado é o mesmo usado nas religiões), sacrificado o mais possível sem sofrimentos. A mesma lógica parece existir para o Islã e suas regras alimentares. (BARROS, 2012, p.207).

Católicos em sua grande maioria fazem penitências, jejuam durante a quaresma, não podendo comer carne vermelha, prestam confissão, comungam na eucaristia, para a Santa Sé é o maior dos sacrifícios praticados pelo próprio Jesus que relembra a última ceia na noite em que foi entregue a morte na cruz. O pecado para os católicos é o erro máximo que pode ser cometido, não podendo ser perdoado sem que faça um sacrifício, geralmente perdoado após uma condição, a confissão. Vamos entender um pouco o que é pecado para os católicos. Segundo a bíblia, a definição de pecado é desobedecer às leis de Deus e da igreja. Um

exemplo: Quando a mulher (Eva) comeu o fruto proibido e o ofereceu ao homem (Adão), Deus os expulsou do paraíso para se redimirem de seus erros.

Os evangélicos são submetidos ao sacrifício financeiro, Esperandio (2006, p.41) diz que: “Na IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) o sacrifício dos fieis para alcançar o gozo do mundo passa pelo sacrifício do dinheiro”. E completa: “O individuo troca com o divino através do sacrifício em dinheiro e quando se troca com Deus, tem – se recompensas, sobretudo a prosperidade e o sucesso, segundo as pregações da teologia da prosperidade fundamentada pela IURD”. (ESPERANDIO, 2006, p.46).

No espiritismo Kardecista há certo sacrifício para obtenção de erros de outras vidas, para Mello (2008, p.11): “A prática mediúnica representa assim uma oportunidade de resgate dos erros de vidas passadas, desta forma cria-se um contrato entre o encarnado e o desencarnado possibilitando a diminuição e o resgate de dividas proporcionando a evolução espiritual”. A reencarnação para os espíritas é a oportunidade de rever velhos erros e conviver com espíritos antagônicos para a obtenção da evolução espiritual.

Na doutrina Espírita aqueles que buscam o perdão não têm que somente praticar sua fé em preces. Alan Kardec, no livro dos Espíritos, trás na questão 661 “Aquele que pede perdão de suas faltas só o obtêm mudando de proceder. As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras”. (KARDEC, 1997, p.258).

Os sacrifícios nas religiões de matriz africana estão presentes, mas não são rituais isolados e individuais, como é apresentado em outras religiões, tendo mais haver com oferendas, como Barros descreve: “Nas religiões afro–descendentes todos os sacrifícios são de comunhão, isso significa, todos comem, é uma festa aberta. Todos têm acesso e só animais sadios podem ser usados para o sacrifício”. (BARROS, 2012, p.207).

Segundo Barros (2012, p. 207): “Também é importante uma observação: nenhuma linha do Candomblé, nem da Umbanda tradicional, tem sacrifícios de despacho”. No seu entendimento, “as religiões não fazem sacrifícios para fazer mal a alguém ou para atrair a desgraça contra outro”.

Como as religiões de matriz afro não têm dogmas escritos nem autoridade centralizada que mande em vários terreiros ou em uma federação, não podem proibir que pessoas misturem tradições de Candomblé ou Umbanda com velhas práticas de magia africana ou indígenas e matem uma galinha preta, coloquem um lenço vermelho em seu pescoço e junto com uma vela coloquem em uma encruzilhada

como um despacho pedindo alguma coisa que pode envolver o mal para alguém. Essas práticas de Quimbanda no Rio, ou de Catimbó, no Nordeste, não são institucionalizadas e nem comunitárias. Por mais que se deva ter com todas essas práticas o respeito devido às culturas diferentes da nossa, não é justo misturar as coisas e menos ainda confundir uma coisa com a outra. (BARROS, 2012, p.208).

Entretanto, Candomblé e Umbanda não possuem ritos escritos ou uma referência nacional ou internacional. Podemos dizer que as práticas nos terreiros são independentes, sendo assim não conseguem proibir velhos costumes e tradições africanas.

Sacrifício. Essa palavra tem provocado inúmeras discussões ao longo dos anos e, principalmente, entre a sociedade e os grupos que representam as religiões afro-brasileiras. Aqueles acusam estes de se utilizarem de práticas cruéis para com os indefesos animais. Esquecem seus acusadores que o animal sacrificado será repartido entre a comunidade religiosa e sua vizinhança. (BARROS, 2012, p.205).

Para entender essa prática não podemos fechar os olhos, mas procurar aprofundar os conceitos que estão por trás do ritual do sacrifício, seja qual for. Barros (2012, p.213) afirma que: “Os sacrifícios nas religiões não podem ser compreendidos fora do contexto das culturas e da realidade da vida em seu conjunto social e político”.

Devemos analisar e aprofundar esse tema dos sacrifícios nas religiões a partir de uma abordagem interdisciplinar que uma antropologia social, ciências da religião e teologia. Quero tentar isso. É preciso fazer duas observações imediatas: a primeira é que no culto comum, todos os animais que são oferecidos servem para a alimentação da comunidade e mesmo de pessoas de fora que chegam no terreiro naquele dia. As pessoas comem com o Orixá. Chama-se “comida de santo” (BARROS, 2012, p.206).

E diz ainda que: “Toda a culinária baiana e esses quitutes conhecidos no mundo inteiro têm sua origem em “comida de santo” (BARROS apud LODDY, 2012, p.206)”.

Na Umbanda, mesmo que não tenha sacrifício por parte dos médiuns e das entidades, o fato pelo qual o médium coloca-se em posição em ajudar a entidade que está em uma zona de vibração inferior ou na mesma vibração dos encarnados, para que essa consiga evoluir e assim ascender um grão de evolução, podemos considerar essa prática sendo de fato um sacrifício.

3. RADICALISMO E INTOLERÂNCIA

Existem grupos de fiéis que usam do radicalismo religioso para manifestarem suas ideologias. Essa prática não é exclusiva de certa religião, podemos ver alguns casos, nas Filipinas, Oriente Médio, entre outras partes do mundo em que pessoas que seguem uma linha ortodoxa dentro de suas religiões.

Vejamos o caso dos habitantes Filipinos que durante as festividades da sexta feira da Paixão praticam autoflagelo, como descreve Munhoz e Rossetti. Nas Filipinas, fiéis cometem autoflagelo na sexta-feira da Paixão em procissão na rua como forma de expressar sua fé pela dor.

O sacrifício dá um significado transcendental ao corpo, pois remete à ideia de consagração do domínio comum ao domínio religioso. Dessa forma, o corpo torna-se consagrado. No ato sacrificial, a coisa consagrada, que seria o próprio corpo, serve de intermediária entre o sacrificante e o destino ao qual se sacrifica. O corpo faz a mediação entre os homens e os deuses. (MUNHOZ; ROSSETTI, 2013, p.66).

Segundo Munhoz e Rossetti, o autoflagelo teve sua origem na Itália no século XI, XII durante a Idade Média. A manifestação da fé do grupo dos penitentes tem suas raízes na visão providencialista do período medieval, nas práticas das irmandades flagelantes que viveram no sul da Itália nos séculos XI e XII.

Se o sacrificante dá algo de si, ele não se dá: reserva-se prudentemente. Se ele dá, é em parte para receber. O sacrifício se apresenta assim sob um duplo aspecto. É um ato útil e uma obrigação. Odesprendimento mistura-se ao interesse. Eis porque ele foi frequentemente concebido sob a forma de um contrato (MAUSS; HUBERT, 2005, p.106).

Contudo, Mauss e Hubert deixam para nós uma compreensão dos rituais religiosos, sejam eles “primitivos” ou contemporâneos, no que diz respeito a suas relações com o uso do corpo.

O autoflagelo que é descrito por Mauss e Hubert é culturalmente praticado nas Filipinas, uma forma de rememorar a dor e o flagelo de Jesus ao carregar a cruz até ao Monte

Gólgota, fora da cidade de Jerusalém na Sexta - Feira Santa quando Jesus foi entregue aos homens, mas permanece nas mãos de Deus. Sofre e morre para a salvação de todos.

4. SACRIFÍCIO UM CONTRATO DIVINO

Para que possamos entender o significado da prática do sacrifício religioso devemos lançar mão de alguns valores sociais, culturais e tradições da própria religião. Por ser uma manifestação que envolve pessoa, tempo, lugar e um propósito. Já sabemos que a adoração de Deus desde a pré-história é através dos sacrifícios, essa cultura de oferecer algo ou alguma coisa ou até pessoas em sacrifício para ganhar um favorecimento, ganho, condição especial ou status dentro da sociedade primitiva, porque existe nos dias atuais em todas as religiões, mesmo naquelas que se colocam como superiores? “Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, pode a fé ser racionada ou cega” (KARDEC, 2006, p.321).

Dessa forma, cada indivíduo é responsável pelos atos, generalizar e apontar que a culpa é somente dos líderes religiosos que incitam quaisquer formas de fanatismo é dizer que a fé é fabricada para qualquer fim, seja qual for, político, religioso, social ou econômico.

Um dos fenômenos característicos de nosso tempo e que produz impactos decisivos sobre a religião é o dado da globalização, entendida como a afirmação de uma nova consciência global e planetária, que incide sobre a sociedade e os indivíduos Trata-se de uma globalização intensificadora que não se restringe a uma dimensão econômica. (TEIXEIRA, 2003, p.21).

Hoje nós testemunhamos vários conflitos internos, segundo Teixeira (2003, p 19): “conflito comunitário ou linha de fratura”. Ele também traz que:

Em todos os continentes podemos testemunhar a presença do acirramento da violência, que se afigura hoje como uma das mais difíceis e dramáticas questões depois do fim da guerra fria e do confronto entre Oriente e Ocidente. Os conflitos étnicos -, nacionais ou sociais, estão em toda parte: na Ásia, na África, no Oriente Médio e na Europa. (TEIXEIRA, 2003, p.20).

Somente quando começarmos a ter o hábito de conversar sobre a inter-relação dos povos e suas culturas, colocamos a religião dentro da cultura, é que poderemos avançar sobre o assunto e diminuir a intolerância que em muitos casos levam a grandes conflitos armados.

O diálogo inter-religioso demonstra a possibilidade de uma nova perspectiva de atuação das religiões ao reconhecer que essas podem exercer um papel significativo na construção de uma ética da superação da violência; que podem igualmente dedicar-se à tarefa comum de salvaguardar a integridade dos seres humanos e da

terra ameaçada. A verdadeira relação com o Absoluto é incompatível com toda e qualquer desumanização ou violência. (TEIXEIRA, 2003, p.21).

5. RELIGIÃO INTOLERÂNCIA E VIOLÊNCIA

No momento atual, um dos problemas mais agudos é a violência entre as religiões. Já foi dito que a intolerância é a principal fonte desses conflitos, sem dúvidas a maior causa da intolerância passa pelo radicalismo.

A “conversação” “inter-religiosa é uma realidade não só possível como fundamental no momento presente”. Poucas são as conversações tão importantes, e poucas tão complexas e difíceis, já que envolvem um processo de interpretação. Quando realmente autêntica, uma conversação exige abertura à mútua transformação. Exige ainda a capacidade de reconhecer “semelhanças na diferença”. “Entrar em conversação é estar disposto a arriscar toda a sua autocompreensão atual e levar a sério as posições do outro que reclama para si igual reconhecimento de autenticidade e verdade em sua auto compreensão”. (TEIXEIRA, 2003, p.23 apud TRACY, 1997, p.142).

Para Mauss e Hubert (2005) o corpo diz muito sobre a religião e a utilização dos corpos para fazer um rito religioso é bastante presente, não somente nas religiões de matriz africanas, mas em qualquer religião. O corpo é utilizado de diversos modos pelas diferentes religiões. Não se entrega o próprio corpo ou um animal a morte para um deus, mas paga-se penitência de diversas formas.

Para não falar somente das igrejas evangélicas, as religiões nas quais os membros costumam rezar ajoelhados. Em outras, e as evangélicas são novamente um exemplo, costuma-se estabelecer vestimentas próprias a seus membros. Algumas ainda estabelecem proibições quanto aos usos do corpo para algumas atividades mostrando grande influência e domínio sobre os fiéis.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sacrifício, em geral, é o elo entre “dois mundos”, o mundo dos encarnados e o mundo dos desencarnados ou divino. Sendo assim, as religiões se apropriaram dessas práticas para doutrinar seus fieis, só há salvação pela dor, é na perseverança na prática diária dos ensinamentos dos livros sagrados, na obediência ao líder da religião ou da igreja, no jejum, no flagelo, etc.. Somente assim conseguimos a salvação esperada como Barros (2012, p.206) menciona: “Devemos analisar e aprofundar esse tema a partir de uma abordagem interdisciplinar que uma antropologia social, ciências da religião e teologia” possa contribuir para o entendimento sem discriminação.

Devemos apontar a diferença entre a cultura do sacrifício cada um a seu modo, dentro de sua fé religiosa, e o fanatismo. Geralmente o fanatismo vira intolerância e com frequência a intolerância é o resultado do conhecimento insuficiente de um assunto. Na nossa história, temos vários exemplos de fanatismo e intolerância que levaram à guerras entre uma religião e outra.

O sagrado está diretamente ligado às tradições do sacrifício nas religiões, por esse modo que os fieis os praticam sem racionar o porquê verdadeiro desse fato. Podemos então verificar que não é apenas um simples ato de sacrifício, mas uma confusão que poderá levar a uma interpretação errada do pretexto religioso.

O fato insofismável de que todas as religiões têm algum tipo de sacrifício e somente as de matriz africana são apontadas como atrasadas, primitivas ou não possuem a verdadeira palavra de Deus não passa de um preconceito, uma intolerância religiosa.

Os sacrifícios religiosos também podem ser classificados como ritos de passagem em algumas culturas, “a infância terminou e a criança deve morrer”. Desta forma, fica-nos a contribuição de Mauss e Hubert e outros autores sobre a compreensão dos rituais religiosos, sejam eles “primitivos” ou contemporâneos, no que diz respeito a suas relações com o uso do corpo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN, Kardec. **O livro dos Espíritos**. 113. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1997.

_____, O Evangelho Segundo o Espiritismo. 23. ed. Brasília: Ed. Feb, 2006.

BARROS, Marcelo. “**Entre o ser e o não ser**”: Teologia anti – sacrificial e sacrifícios nas religiões populares. Recife: Parellus, 2012. Disponível em:

<http://www.unicap.br/ojs/index.php/pararellus/article/view/216>. Acesso em 09 mar. 2016.

BIBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução João Freitas de Almeida. 52ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2009.

ESPERERANDIO, Mary Rute Gomes. **Narcisismo e Sacrifício**: Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea. 2006. Tese (Doutorado em Teologia) – PUC Minas. São Leopoldo, 2006. Disponível em:

<http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/nepp/article/viewArticle/2095>. Acesso em 13 mar. 2016.

GIRARD, René. **O Sacrifício**. São Paulo: Ed. Realizações, 2011.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o Sacrifício**. São Paulo: CosacNaify 2005.

MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. **Dadiva, Sacrifício e Magia na Simbólica Espiritualidade Eclética**. Disponível em. <http://antropologia.com.br/arti/colab/a49-gmello.pdf>. Acesso em 10 mar. 2016.

MOTTA, Roberto. “Tempo e Milênio nas Religiões Afro – brasileiras”. **XXXIV Encontro Anual da ANPOCS**. Petrópolis, 2000. Disponível em:

http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:oK1RkuSONWoJ:scholar.google.com/+Roberto+Motta,+%22+tempo+e+milenio&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em 14 dez. 2016.

MUNHOZ, Marcos Martinez; ROSSETTI, Regina. **Corpo Comunicado**: O Espetáculo do Auto sacrífico Religioso. São Caetano do Sul: Esferas:. 2013. Disponível em:

<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/3954>. Acesso em 30 abr. 2016.

PEREZ, Léa Freitas. **Breves notas e reflexões sobre a religiosidade brasileira, Brasil 500 anos.** Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a8-lfreitas.pdf>. Acesso em 11 abr. 2016.

ROGÉRIO, Janecléia Pereira. **Se não há sacrifício, não há religião. Se não há sangue, não há Xangô:** Um Estudo do Sacrifício no Palácio de Iemanjá. 2008. Dissertação (mestrado em Antropologia) - Universidade de Pernambuco. Recife. 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/567>. Acesso em 11 abr. 2016.

TEIXEIRA, Faustino. **O dialogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio.** Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/viewArticle/596>. Acesso em 12 abr. 2016.